

# EDUCAÇÃO A COMUNICAÇÃO MUSEAL: A EMISSÃO RÁPIDO PAPO DE CRIANÇA

89

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**Greciene Lopes dos Santos Maciel \***  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Silvania Sousa do Nascimento \*\***  
**Universidade Federal de Minas Gerais**

## **RESUMO:**

O artigo discute os conceitos de educação e comunicação museal a partir da análise de quadros de narrativas de 55 emissões radiofônicas do programa: Papo de Criança, desenvolvido pelo Museu Casa Guignard em Ouro Preto (MG) entre os anos de 1994 e 1997. Realizamos uma análise do contexto de produção de 19 emissões por meio de quadros de narrativas textuais. Tais quadros permitiram a caracterização da organização, conteúdos e atores, e de aspectos da educação e comunicação museais que emergem dos programas. Essas características são datadas e contextualizadas em um momento de inserção do museu no cenário cultural da cidade de Ouro Preto. O caráter de educação e comunicação museal nesse programa pode ser considerado um elemento decisivo para a boa interlocução que se estabeleceu posteriormente entre os diferentes setores culturais e econômicos da cidade e a pequena equipe do museu.

## **PALAVRAS-CHAVES:**

museu, rádio, educação museal, comunicação museal.

## **ABSTRACT:**

The article discusses the concepts of museum education and communication from the examining boards' narratives of 55 radio broadcasts of the program: Papo de Criança, developed by Guignard House Museum in Ouro Preto (MG) between the years 1994 and 1997. An analysis of context-producing emissions by 19 frames of textual narratives. Such frameworks allowed the characterization of the organization, content and actors, and museological aspects of education and communication programs that emerge. These characteristics are dated and contextualized in the museum insertion time of Ouro Preto cultural scene. The character of museum and communication education program can be considered a key of good dialogue that was established later between different cultural and economic sectors of the city and the museum staff.

## **KEY-WORDS:**

museum, radio, museum education, museum communication.

\* Professora substituta do CEDU – Centro de Educação – UFAL grecie.lopes@gmail.com

\*\* Professora titular Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino FAE silnascimento@ufmg.br

## A constituição de um significado

Os museus são instituições presentes em todos os países sendo sua origem geralmente traçada a partir da mitologia grega na figura das nove musas filhas de Zeus e Mnemosyne. Eles são historicamente datados e comprometidos com as mudanças das sociedades nas quais surgiram sendo vasta a literatura que os apresenta de forma ampla e contextualizada (Nascimento e Ventura, 2001). A noção contemporânea de museu, embora esteja associada à arte, ciência e memória, como na antiguidade, adquiriu novos significados ao longo da história.

O *Museion*, a casa das musas da antiguidade, era uma mistura de lugar de adoração e de conhecimento. As musas, portadoras de uma memória absoluta, também possuíam o dom da premonição e uma poderosa imaginação. Com essas habilidades, elas seriam as responsáveis por alegrar os homens e fazê-los esquecer suas tristezas e angústias. Dessa forma o *museion* era identificado como o lugar de desfrute de prazeres das artes e das ciências. Contudo, sendo um lugar de adoração, os objetos expostos no *museion*, antes de tudo, tinham a função de agradar as divindades.

Durante o período de expansão do império romano, nos séculos II e III A.C., periodicamente os objetos oriundos dos saques eram reunidos em Roma para exposição e venda. Retirados de seus lugares e funções de origem, esses objetos eram negociados enquanto testemunhos de prestígio e de poder. A palavra museu passou, então, a ser associada à ideia de ostentação, de força e de poder.

Até o final do século XVII, os *cabinets de curiosités* constituíram uma importante face da museografia. O grande acervo constituído nesses gabinetes possuía acesso restrito e era guiado pelo próprio colecionador apresentando o discurso do aventureiro, conquistador ou naturalista. De espaços de contemplação, constituídos de vastas coleções de objetos até o século XVIII passaram, no século XIX, a espaços de saber, de progresso do conhecimento e das artes, acompanhando a modernização da sociedade no século XX (NASCIMENTO, 2005).

As renovações no campo da museologia, sobretudo após o fim da Segunda Guerra, com a criação do Conselho Internacional de Museus (ICOM), alimentaram o processo de redefinição e ampliação do campo de ação dos museus. As definições de museu adotadas pelo ICOM são sustentadas por debates entre diferentes profissionais e setores da sociedade, que mesmo diante de mudanças, destacam a função social da instituição e seu caráter público.

De acordo com Valente (2003), as definições mais recentes inserem organizações diversificadas: monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos; os jardins botânicos, zoológicos e aquários; os centros de ciência e planetários; as galerias de arte, institutos de conservação e galerias de exposição permanente mantida por bibliotecas e arquivos; as reservas naturais; os centros culturais e outras entidades que facilitam a preservação e organização de recursos patrimoniais tangíveis e intangíveis. A autora explicita as críticas realizadas sobre esse conceito amplo e enfatiza o risco do estabelecimento de instituições revestidas dessa definição, *que em muitos casos, não condiz com o que se convencionou chamar de museu, confundindo funções e missões diferentes daquelas genuinamente museológicas* (Valente, 2003, p. 26). A evolução dos museus, desde as coleções dos nobres ao museu atual, reflete as várias demandas e papéis que estas instituições vêm assumindo através do tempo. Essa questão se reflete na identidade

do museu e das organizações museais e, conseqüentemente, em suas imagens institucionais e organizacionais tal como estudado por Bertelli (2010).

Foi uma longa sistematização da prática museológica, desde a tarefa de coletar e dispor, sistematizar e preservar objetos até o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre as coleções. Compreender a educação museal significa, de nosso ponto de vista, estudar igualmente as dimensões de construção de conhecimento e de comunicação. As ações educativas multiplicam-se nos mais diferentes tipos de museus, e por diferentes concepções de educação e comunicação, configurando um cenário marcado por uma diversidade de práticas. Atualmente compreendemos a educação museal como uma ação multifacetada cujo objetivo maior é promover a dialogia entre os diversos saberes que permeiam os objetos em exposição. Em última análise, a educação museal visa a mediação entre os conhecimentos sobre os objetos museais e a potencialização da comunicação entre os públicos.

A ação educativa que pretendemos discutir aqui aconteceu no Museu Casa Guignard (MCG), um museu de arte da cidade de Ouro Preto (MG), entre outubro de 1994 e dezembro de 1997. No nosso entender, essa ação educativa foi inovadora, pois em nossas investigações sobre educação museal promovida em ambientes radiofônicos, não encontramos em nenhum registro, naquela época, em museus brasileiros de uma ação que fizesse uso de um meio de comunicação de massa. As ações, em sua grande maioria são pontuais e focadas nas exposições realizadas (BRASIL. MINC/IBRAM, 2011).

Outros fatores também despertaram nossa atenção: o programa, semanal, apresentado por crianças e para crianças, permaneceu no ar cerca de três anos; o ouvinte alvo foi um público pouco privilegiado na programação radiofônica. Avaliamos que foram emitidos cerca de 100 programas, dos quais conseguimos recuperar 46 fitas magnéticas em K7 contendo 55 programas.

Neste artigo buscamos caracterizar o programa de rádio Papo de Criança quanto a sua organização, conteúdos e atores, e discutimos os aspectos da educação e comunicação museais que emergem das emissões dando continuidade a uma abordagem do gênero radiofônio e sua potencialidade educativa (Bossler, 2004).

### **Museando no Brasil**

A implantação de museus no Brasil não é recente e recebeu uma clara influência europeia. A experiência mais antiga registrada, em um modelo que incluiu um jardim botânico, zoológico e observatório astronômico, foi o Palácio de Vrijburg durante a ocupação holandesa em Pernambuco no século XVII. Na segunda metade do século XVIII, no Rio de Janeiro, foi instalada a Casa de Xavier dos Passaros – um museu de história natural – cuja existência prolongou-se até o início do século XIX. Essas experiências museológicas pontuais evidenciam que, pela via dos museus, ações de caráter preservacionista foram empreendidas no período colonial (BRASIL. MINC/DEMU, 2006). Acontecimentos museais capazes de se enraizar na vida social e cultural brasileira só foram perpetrados após a chegada da família real portuguesa, em 1808. A trajetória dos museus no Brasil indica que as ações de comunicação, pesquisa e preservação do patrimônio cultural madrugaram nessas instituições. Os museus, aos poucos, deixaram de ser compreendidos aos setores da política e da intelectualidade brasileira apenas como casas de guarda de relíquias e passaram a ser percebidos como lugares de criação, comunicação, produção de conhecimentos e preservação de bens e manifestações culturais.

Isso pode ser constatado no momento singular que o Brasil vive, há uma década, na área museológica, marcado pelo estabelecimento da Política Nacional de Museus (BRASIL, 2003). Tal política estabelece vários programas, entre eles a criação do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM e do Cadastro Nacional de Museus - CNM que mapeou 3.025 museus (BRASIL.MINC/IBRAM, 2011).

## **Dois conceitos transformadores das ações educativas no museu**

### *Educação museal*

A importância social e educativa dos museus, sua capacidade de construir conhecimento, promover a compreensão do mundo pelo homem e a construção de sua cidadania pode ser considerada consensual. A dimensão educativa do museu originou-se de um longo processo iniciado no século XVII, a partir da criação e inserção dos museus em instituições formais de ensino, as universidades. No final do século XIX os museus, principalmente os de ciências, assumiram uma posição de protagonistas de mudança de posturas científicas. Da exposição de uma ciência positivista descritiva passou-se à ciência racionalista - explicativa, discursiva e argumentativa (Cury, 2005). As exposições deixaram de ser catálogos classificatórios e passaram a abrigar exposições de objetos contextualizados, representando um avanço no procedimento expográfico. Esse avanço nas exposições voltadas para o público exigiu que, além da explicitação do processo científico, ocorresse o reconhecimento do museu enquanto canal de comunicação. Essa mudança possibilitou uma nova concepção de público: de um contemplador destituído de uma demanda específica de informações, ele passou a visitante e interlocutor. E, para atender a esse público, surgiram diferentes necessidades, entre elas a de ser estabelecidas relações entre o museu e a escola, duas instituições que se consolidaram na Europa no século XIX.

A partir do século XIX, os museus e as coleções consolidaram o conceito de nações e os objetos passam a ser valorizados a partir de uma compreensão de patrimônio cultural e preservação do passado (Valente, 2003). As renovações no campo da museologia alimentaram reflexões e mudanças nas instituições museais em busca de redefinição e ampliação do seu campo de ação cultural, aprofundadas ao longo do século XX.

O documento “A memória do pensamento museológico contemporâneo” organizado por Araújo e Bruno (1995) reúne documentos e depoimentos que sintetizaram os principais desafios e enfrentamentos dos profissionais das instituições museais entre as décadas de 1950 e 1990, frente aos dilemas em torno da função social dos museus: o Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos museus no Rio de Janeiro, em 1958; a Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972; a Declaração de Quebec de 1984 e a Declaração de Caracas de 1992. Esses encontros constituíram os principais marcos do movimento da Nova Museologia e inauguraram a perspectiva de pensar a museologia a partir de olhares não europeus.

O Seminário Internacional sobre o Papel Pedagógico do Museu, realizado em 1958, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, promovido pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) e coordenado por Georges Henri Rivière primeiro diretor do ICOM (1946 a 1962), contou com a presença de educadores de, aproximadamente, vinte países latino-americanos e especialistas de outras partes do mundo. Uma das recomendações encaminhadas pelos presentes foi a indicação de que o trabalho educativo fosse confiado ao “pedagogo

do museu” ou ao serviço pedagógico. Em depoimento, Hernan Crespo Toral, relata que esse Seminário provocou uma profunda reflexão sobre o conceito de museu e as consequências de suas funções de conservação, exposição, fruição e educação do público. A necessidade de conexão das exposições aos problemas contemporâneos e o fim do isolamento que marcaram os primórdios dessas instituições trazia para o centro das preocupações do campo museológico a dimensão comunicativa e educativa do museu (Toral, 1995, p.8 -19).

O reconhecimento da importância de se conferir à educação um status semelhante às outras finalidades do museu, é ressaltado no documento:

“(...) trata-se de dar à função educativa toda a importância que ela merece sem diminuir o nível da instituição, nem colocar em perigo o cumprimento das outras finalidades não menos essenciais: conservação física, investigação científica, deleite, etc” (Araújo e Bruno, 1995, p.11).

O conceito de museu integral operando para a compreensão da totalidade dos problemas da sociedade e defendendo a ideia do museu ativo, ou seja, instrumento dinâmico de mudança social, agente da educação permanente. Esse documento referente à Mesa redonda de Santiago (1972) reconhecido como a maior contribuição da América Latina para o pensamento museológico internacional, foi construído sob os impactos das reivindicações pela democratização da cultura, que acontecia sobretudo na Europa e na América Latina. Esse movimento promoveu a busca de diálogo entre o museu e seus diferentes públicos e a ampliação da participação social e cultural de seu espaço.

A Declaração de Quebec (1984) remete à Mesa Redonda de Santiago do Chile, sobretudo no que se refere ao papel social do museu. A tomada de posição se baseia na reflexão sobre as transformações ocorridas no cenário museológico internacional. Dela decorrem o reconhecimento da necessidade de ampliar a prática museológica e de integrar nessas ações as populações, a interdisciplinaridade, as metodologias de métodos de gestão e de comunicação e o desenvolvimento social.

Na Declaração de Caracas (1992) é reafirmada a prioridade à função socioeducativa do museu e são retomados os princípios e pressupostos da Mesa-Redonda de Santiago. Esse documento de maior densidade e aprofundamento delimita mais o campo de atuação dos museus, acentuando seu protagonismo social. As discussões giravam em torno da inserção de políticas museológicas nos setores de cultura, a consciência sobre o poder da Museologia no desenvolvimento dos povos, a reflexão sobre a ação social e o futuro dos museus, as estratégias para captação e gestão financeira, as questões legais e organizacionais dos museus, os perfis profissionais e finalmente, o museu como meio de comunicação. Horta (1995) analisa a relação entre os encontros sobre museus que aconteceram desde o Seminário de 1958 no Rio de Janeiro. Para ela, em 1992, os museus procuravam descobrir o seu espaço no território social, e enfrentavam as dificuldades desse processo. O monólogo transforma-se em diálogo, a função pedagógica (afirmada em 1958, no Rio de Janeiro) transforma-se em missão comprometida, não mais com a sociedade, em termos vagos, mas com a comunidade em que estão inseridos, ou em que buscam inserir-se.

O documento organizado por Araújo e Bruno permite observar que nos 20 anos entre Santiago e Caracas há um deslocamento da função essencial do museu de preservação para a de comunicação.

A produção em torno dessa temática no Brasil alargou-se nos últimos anos, o que nos permite afirmar que ela se encontra em crescimento. Costa (2010) corrobora com este crescimento, ao mapear a produção acadêmica sobre educação em museus no Brasil, partindo da monografia de Manuelina Cândido (2003) e do levantamento publicado pelo Comitê Nacional de Educação e Ação Cultural (CECA), em 2007, e ampliando sua consulta à base nacional de dissertações e teses da Capes.

Segundo Costa (2010), foi possível observar que do universo de 132 trabalhos pesquisados, 100 eram sobre a temática educação em museus, o que permite traçar algumas definições importantes sobre o campo e sinalizar o processo de consolidação aí desenvolvido.

Os dados evidenciam a concentração regional, sendo 81% das pesquisas oriundas da região Sudeste, com destaque para a produção dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Os dados confirmam a emergência da temática, 63% dos trabalhos foram produzidos nos últimos 10 anos. A autora afirma que o objeto “museu” é novo no cenário das pesquisas em educação e história, o que demanda um investimento cuidadoso de teor teórico-metodológico.

Consideramos que a educação museal trabalha com dois modelos: um de continuidade que faz distinção entre a educação formal, informal e não formal e considera que essas formas de trabalhar a educação podem ter parceria sem que haja subserviência de uma em relação à outra e o modelo de complementaridade, onde o museu complementa o ensino formal. Em ambos, a escola é o lugar de instrução e validação do conhecimento e, as ações realizadas pelos museus são consideradas como educação não formal, por tratarem da apropriação do conhecimento pela sociedade fora do espaço escolar. Ademais, o museu pode associar-se a outras instituições, sendo sua atuação educacional autônoma e desvinculada de estratégias educativas fixas e normativas.

Em pesquisas anteriores (Santos, 2008 e Dutra, 2012) verificamos que, quando se fala em educação museal, diversas expressões aparecem em referência a essas práticas tais como: ação educativa ou cultural, mediação educativa, educação patrimonial ou para o patrimônio, o que demonstra que este é um campo ainda em construção.

A educação museal se constitui de procedimentos que promovem a educação no museu, tendo o acervo museológico o centro de suas ações (MINAS GERAIS- SECMG -SUMAV, 2006). As diversas as ações desenvolvidas nos museus se traduzem em formas de mediação que possibilitam à interpretação de bens culturais e à apropriação de conhecimentos pelos visitantes.

### **Comunicação Museal**

A comunicação sempre esteve próxima ao museu e o ato de comunicar nesse contexto foi, e ainda é, associado à ideia de expor e exibir, embora a exposição sempre tenha sido associada à ideia de colecionismo e preservação (Cury, 2005).

A expansão da interação com o público nos museus provocou questionamentos sobre as exposições em relação ao design e eficiência de comunicação. Nossas pesquisas apontam que, com o tempo, as exposições foram sofrendo transformações diversas, o que resultou em novas formas de interação com o público. A modernização das práticas de comunicação impôs novos desafios aos museus, o que exigiu mudanças nas suas formas museográficas tornando-as mais

dialogadas. Nas expografias, os novos meios de comunicação e tratamento de informação alteram parcialmente a mensagem em seu suporte, mas não necessariamente a renovam. As antigas práticas observadas nos anos 1970 dentro de um processo de musealização sequencial de isolar, anexar e mostrar continuam sendo a marca dos museus, embora nossos estudos sobre as exposições destacam as seguintes metas para os museus na contemporaneidade: “transformar os museus em locais interativos, agentes de uma nova pedagogia transacional, conquistar novos públicos, propor novas formas de apropriação de conhecimento científico e técnico” (Nascimento, 2005, p. 228).

No contexto brasileiro, sem pretender cobrir toda a produção em torno do tema, selecionamos três pesquisas cujos objetos de análise têm como objetivo compreender o processo comunicacional do museu por meio dos estudos de público e da avaliação de exposições. Em pesquisas realizadas por Almeida (2004a) são apresentadas reflexões do processo comunicativo em museus e suas implicações para os estudos de público. Os pressupostos básicos que orientaram essas pesquisas foram as teorias e metodologias baseadas em modelos de comunicação. Para desenvolver estudos sobre receptores/visitantes e avaliação de exposições, a autora faz um levantamento dos modelos de comunicação usados em pesquisas desse campo ao longo do tempo. Na síntese realizada pela pesquisadora, nas primeiras décadas do século XX, o chamado modelo hipodérmico de comunicação era o mais aceito e, em seus termos, o visitante era encarado como um recipiente vazio no qual poderiam ser inseridas informações (Almeida, 2004b). Novos modelos informacionais foram criados, mas ainda eram unidirecionais, mas traziam mais etapas do processo e inseriam a importância do conteúdo do que estava sendo comunicado. Vários modelos estudam a comunicação em seus aspectos semióticos para compreender os códigos e linguagem presentes na comunicação e a experiência museal. O *feedback* como elemento fundamental e realimentador do processo e o contexto discursivo foram introduzidos aos modelos analíticos. As abordagens socioculturais introduziram a variável temporal e passaram a considerar que a aprendizagem é um processo que ocorre em diferentes tempos para cada sujeito (Almeida, 2004 b, p. 332). A entrada da era da informação e dos suportes multimídias nos museus introduziram novos elementos ao cenário comunicativo e os modelos tenderam a explorar o contexto, a interação e a apropriação do conhecimento presente nas exposições.

Todos esses modelos apresentados coexistiram e ainda coexistem nos museus. Podemos relacionar igualmente as expectativas e motivações à experiência museal. Se uma pessoa vai a um museu fazer um trabalho escolar, fará um tipo de visita; se estiver visitando espontaneamente para lazer, a experiência será outra.

Outra pesquisa que contribui de forma significativa para o dimensionamento dos estudos sobre comunicação em museus foi a tese de Cury (2005), que faz uma reflexão sobre a atuação comunicacional do museu. Ao discutir comunicação em museus e comunicação museológica, a autora aborda o tema a partir de dois pontos de vista ambíguos: o modelo condutivista e o modelo da interação. Para a autora, o museu é um dos meios de comunicação que está ligado à capacidade de despertar a consciência, estimular questionamentos e pensamentos críticos. Para Cury:

A exposição e a ação educativa são manifestações da política de comunicação de um museu e para o público é o que define a instituição, pois

é através delas que o museu se faz visível e se torna relevante para a sociedade (Cury, 2005, p. 87).

O trabalho de revisão da pesquisa acadêmica sobre recepção de público que a autora realizou, teve como objetivo conhecer como os museus no Brasil vem sendo estudados pela ótica da recepção. Para isso, Cury (2005) mapeou os estudos acadêmicos produzidos de 1984 até 2004. O universo de pesquisas foi de 28 trabalhos, dos quais 03 discutiam a dimensão da recepção: Adriana Mortara Almeida (1995), Cristina Silva (1989) e Marília Xavier Cury (1999). Cury (2005) conclui ser restrito o número de instituições estudadas sob o aspecto comunicativo. Segundo a autora, há muito que percorrer e os pesquisadores localizados no mapeamento são, no seu entender, pioneiros no Brasil (Cury, 2005:210).

Valente (1995) também desenvolveu uma pesquisa de público no Museu Nacional motivada pela necessidade de se conhecer a relação entre Museu e o público visitante, em consequência da crescente importância dada à função educativa dessa instituição. A pesquisa buscou conhecer o papel social dos museus com o foco no papel do visitante. Segundo ela, o museu deve ser concebido e pensado para o visitante. Para a autora, o museu é um produto historicamente determinado e, portanto, ocupa lugar específico na ordem social estabelecida, havendo ao longo de sua existência, modificações em seus valores:

O museu de nossos dias lembra o passado. Na realidade, foi lá que teve origem o embrião da atual instituição e que constituiu hoje o alargamento das funções tradicionais. Assim, mesmo modernizado, o caráter sagrado conferido a esse espaço do passado consegue transcender às exposições de hoje e continua ainda a representar um “lugar de celebração”, o que confirma a hipótese inicial: o museu tem atitude conservadora em virtude de sua função de preservação, resultando daí constante tensão de adequar a realidade social vivida à aproximação mais estreita com o público visitante (Valente, 1995, p.195).

A autora destaca que as tensões vividas pela instituição estavam relacionadas à desvinculação das práticas museológicas tradicionais à realidade cultural da época. Assim, essas práticas funcionavam como uma contradição na vivência da instituição e obstáculos às mudanças, levando-a a negligenciar o futuro, corroborando a perda do significado do museu e de seu papel. Sua pesquisa destaca o exemplo desse fenômeno no Museu Nacional que se pautava na grande visitação para justificar seu êxito e sua própria existência (Valente, 1995, p.196). A conclusão evidencia o papel de instituição de pesquisa do Museu Nacional, no qual a rigidez entre os setores se refletia nas exposições. O Museu Nacional apresentava ao público a mesma proposta conceitual da década de 1950, reforçando a ideia de que os objetos falam por si só. Para os visitantes, o Museu Nacional continuava sendo a Casa de D. João VI (Valente, 1995, p.201).

Discutimos os conceitos de educação e comunicação museal de forma disjunta, contudo a experiência que relatamos neste artigo trata-se do uso de um instrumento de comunicação de massa, o rádio, em uma ação educativa de um museu de arte. Essa experiência exemplifica a função de mídia e como o museu pode promover a democratização de uma cultura para um público infanto-juvenil.

## Papo de criança: uma experiência de educação e comunicação museal

### *O contexto de produção do programa*

O programa de rádio e televisão Papo de Criança alcançou um expressivo sucesso de audiência em Ouro Preto e cidades vizinhas. Não tivemos acesso aos índices medidos no período, mas a manutenção por mais de três anos da emissão é um indicador desse sucesso de público. De nosso ponto de vista, consideramos um sucesso o fato de ser constituído de uma emissão semanal produzida por uma equipe de crianças selecionadas em parceria com a Secretaria Municipal de Ensino e pela ação educativa do museu. O diretor Gelcio Fortes<sup>1</sup>, concedeu-nos uma entrevista em 2008, definindo o programa como uma experiência de aprendizagem colaborativa. No excerto 1 o diretor apresenta algumas características do Programa.

### **Excerto 1: Características do Programa**

13. Pesq: Como é a comunicação com a mídia? A comunicação do museu eu diria mesmo com a mídia, com o público.

14. Diretor: Olha, esse trabalho de ação educativa abriu muitas portas sabe, nós chegamos inclusive a ter um programa de rádio e TV em Ouro Preto, que se chamava Papo de Criança, ele foi feito na rádio e durou 4 anos, era todo sábado, durava 15 minutos. Nós tínhamos no museu uma oficina de comunicação, onde nós trabalhávamos com crianças na faixa etária de 9 a 12 anos, a seleção das crianças, foi através de um teste, nós colocamos no jornal para o público escolar e tivemos na seleção, umas 20 crianças selecionadas, e era muito interessante, que assim, na quarta-feira a tarde escolhíamos o tema do programa, nós aprendemos juntos por que eu também não sou da área. A prefeitura nos patrocinou, a Secretaria Municipal de Educação, pagou esse horário de rádio e me proporcionou contratar uma pessoa para trabalhar comigo, pois era um trabalho exaustivo, e a gente trazia convidados, psicólogos, pedagogos e tal.[...]

A dinâmica das oficinas de comunicação estava centrada na produção do roteiro na quarta-feira e a gravação do programa na sexta-feira para sua transmissão no sábado entre 9:15 h e 9:30 h pela Rádio Educativa de Ouro Preto (MHz) como descrito no excerto 2.

### **Excerto 2: Dinâmica das oficinas.**

14. Diretor[...]. Então as crianças faziam o roteiro do programa, elas escolhiam tudo, desde o assunto e não necessariamente o museu era o assunto, nós não impúnhamos de forma alguma que o assunto fosse museu, elas escolhiam o tema que elas queriam. Nessas oficinas, nós desenvolvíamos o roteiro do programa na quarta-feira, na sexta vamos para o estúdio e gravava, no sábado ele ia ao ar, de 9:15 a 9:30 da manhã. Era um sucesso, claro que falávamos de museu também. Era muito engraçado, de vez em quando a gente propunha um tema que eles não tinham coragem de abordar, de vez em quando a gente jogava um tema e emplacava, pegava e tal,[...]

<sup>1</sup> Gelcio Fortes – Artista Plástico e Diretor do Museu Casa Guignard desde 1992.

A grade do programa era flexível e basicamente dividida em quadros como jornalístico, concursos, entrevistas, com locuções das próprias crianças como podemos observar na fala do diretor no excerto 3.

### Excerto 3: Estrutura interna do programa

15.Diretor: Isso foi de 93, 94 até 97 me parece, eu sou ruim de data, mas foram 4 anos, foram 3 de rádio, 3 anos e meio de rádio e mais 1 mês de TV. E tínhamos assim no programa um jornal com notícias que interessava ao público infantil, os próprios meninos faziam, tínhamos também concursos, sempre tinha o entrevistado do dia, na TV o programa era mais longo o que cansou mais ainda, e foi um exercício que eu fiz junto com as crianças, foi assim, um ensaio pra isso que eu to chamando de comunicação [...]

Para o diretor do MCG, o Programa Papo de Criança foi a ação educativa que trabalhou a relação do Museu com a mídia local. Considerou que este programa abriu portas, foi um sucesso, se aplaindo para uma versão emitida na TV local a qual não tivemos acesso. Uma regularidade observada no depoimento do diretor foi a valorização do trabalho junto à comunidade. Ele não desvincula o museu da comunidade em nenhum momento ressaltando o aspecto comunitário da ação educativa promovida. A partir de sua entrevista inferimos a seguinte definição de ação educativa: um conjunto de procedimentos educativos utilizado pelo museu como mediador da realidade social, pois fica claro em sua fala que o museu imbuído dessa função, aproximava-se mais do público, seja para favorecer o acesso aos bens patrimoniais, seja para promover uma compreensão da realidade local.

Uma segunda fonte utilizada para compreender o contexto de produção das emissões radiofônicas foram os relatórios de atividades do Museu. Neles há o registro de que o projeto teve início em outubro de 1994 com parceria da Rádio Cultura de Ouro Preto, a Secretaria Municipal de Educação e a Prefeitura Municipal. O programa tinha audiência infanto-juvenil principalmente das cidades de Ouro Preto, Mariana e Itabirito. O relatório de 1994 registra como resultado a aquisição “de uma linguagem não formal sobre temas sinalizados pelas próprias crianças e professores, que proporcionou e incentivou através dos temas apresentados uma interação entre as escolas e comunidades”. Segundo o relatório, a Secretaria ofereceu uma oficina de 5 horas versando sobre comunicação para os 15 participantes do projeto. As crianças foram selecionadas pelo desempenho escolar, desinibição e criatividade pela equipe do museu e da Secretaria de Educação. (MINAS GERAIS/SECMG/SUMAV, 1994).

O contexto de produção do Papo de Criança mostra a preocupação formativa do projeto e sua complementariedade com a escola.

### O programa no ar

O primeiro passo para a análise foi a transcrição das fitas em um quadro de narrativas. Assumimos que a linguagem utilizada para registrar e comunicar ideias torna-se dado de pesquisa unicamente quando a transpomos da atividade original observada para uma que podemos analisar (Vieira e Nascimento, 2013). Nesta pesquisa, linguagem e significado cultural, são objetos de análise,

e são altamente dependentes do contexto de produção do discurso. A recontextualização das informações que compõem tais condições é determinante para a sustentação da análise. Inicialmente, para conhecermos os conteúdos das fitas, fizemos um exercício de escuta, familiarizando-nos com as falas e as vozes. Desta forma, o que fizemos foi lapidar as informações contidas nos registros, para obter uma primeira fonte de informações compondo o quadro de narrativas. Para fazê-lo levamos em conta a estrutura dos programas, observando a sequência, a abordagem de cada assunto e o tempo de duração dos mesmos. Dividimos o programa em 3 grandes blocos, apresentados no quadro I, que apareceram de forma mais estável.

### Quadro I: Blocos mais incidentes do programa (Santos, 2013, p.103)

**Bloco 1** - Apresentação do Programa – O locutor anuncia que o programa está no ar. As crianças dão bom dia, se apresentam, fazem um teatro, uma brincadeira, há uma contextualização para anunciarem o que vai ter no programa.

**Bloco 2** - Entrevistado do dia – Entrevistas com profissionais de áreas diversas com predominância nas temáticas ligadas à cultura e à educação. As entrevistas são realizadas pelas crianças.

**Bloco 3** - Jornal do Papo – Anuncia as atividades culturais de Ouro Preto, dos museus e das escolas. Entravam também as chamadas para os concursos que o programa promovia.

As músicas, em evidência na década de 1990, são presentes em todos os blocos e compõem a paisagem sonora<sup>2</sup> na abordagem de um assunto para serem ouvidas, na íntegra ou parcialmente, pela audiência. No total nosso corpus de pesquisa foi composto de 02 emissões de 1994, 28 de 1995 e 23 de 1996, em cerca de 14 horas de gravação. As fitas foram digitalizadas e o acervo devolvido ao Museu.

A partir da escuta atenta das fitas, contruímos os quadros de narrativas informando o número da fita e a data em que o programa foi ao ar. O quadro 2, traz um exemplo dessa ferramenta e possui 3 colunas. Na coluna 1 temos a narrativa do assunto de cada bloco do programa, cujo objetivo é nos informar o que estava sendo discutido. Na coluna 2 marcamos o horário de início e fim de cada bloco para localização do trecho na fita e na 3, a duração de cada bloco. A narrativa é a camada verbal que textualiza a história do evento; ela é intercalada de descrições, diálogos transcritos, que neste quadro estão em negrito, e comentários do narrador, que estão entre parênteses, em sua ordem cronológica.

2 O termo *soundscape* (paisagem sonora) criado a partir do termo *landscape* (paisagem), refere-se a qualquer campo de estudo acústico. Pode se referir a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como paisagens sonoras (SCHAFER, 2011, p. 23).

Quadro 2 – Quadro Narrativo de um programa (SANTOS, 2013, p.105)

FITA Nº 10 – DEZEMBRO DE 1994		
NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
<p><b>Bloco 1:</b> Todas as 9 crianças (apresentadoras) rindo e dizendo que hoje o programa será feito só por meninas, pois os meninos não vieram /.../.</p> <p>Anunciam que vão continuar apresentando os distritos de Ouro Preto /.../ e <b>um lugar muito bonito que fica a 20 Km de Ouro Preto é Amarantina /.../ lá tem uma bela Igreja que está sendo restaurada pelo Paulo Chiquitão /.../ que vai ficar linda! É a Igreja de São Gonçalo do Amarante. Amarante? Amarantina!!!</b> E contam a história da cidade/.../ convidam as crianças de Amarantina a escreverem para o programa para contar como se divertem lá, o que elas fazem na Cidade/.../ /.../falam sobre a cavallhada que acontece na Cidade/.../ e logo em seguida fazem a chamada para apresentar o Museu das Reduções/.../</p> <p>Falam das belezas do Museu das Reduções e de como foram bem recebidas no Museu... e convidam Dona Sílvia e Dona Evangelina para falarem sobre o Museu das Reduções /.../ Elas são as fundadoras do Museu, e explicam que o trabalho que desenvolvem é sobre o Patrimônio Edificado desde o século XVI até o século XX/.../ contam que tem uma escola de artesanato ao lado museu que trabalham com crianças onde elas aprendem o trabalho de fazer as reduções principalmente com a pedra sabão/.../ (voz de uma das entrevistadas) <b>temos 5 anos de curso e temos um fluxo muito bom de alunos, já distribuímos mais de 100 certificados/.../</b> o que foi para nós uma surpresa já que em Amarantina a principal função é a agricultura, (voz de uma das entrevistadas) <b>nós somos de Campanha que fica no Sul de Minas, e viemos para cá realizar o nosso sonho, três velhinhas aposentadas/.../ e tivemos uma receptividade maravilhosa/.../ o nosso recado é que valorizem Ouro Preto isso aqui é maravilhoso e não existe em nenhum lugar do mundo.</b> Elas criaram o Museu em Amarantina por causa do Fluxo turístico de Ouro Preto /.../ As crianças agradecem as entrevistadas. (Música de fundo: Josefina sai cá fora e vem me ver/.../ Na entrada do Museu tem um texto muito lindo)/.../ <b>Dáfine lê para nós/.../</b> Dáfine lê o texto e no final informa que ele é de Guimarães Rosa /.../Continua a mesma música /.../</p>	00:00/09:54	09:54
<p><b>Bloco 2:</b> Música de fundo – 477 no batuque samba fank /.../Hoje temos uma coleguinha nova no programa/.../ Josilane, se apresenta e diz que vai representar as Escolas Bauxita e o Antônio Tomás Gonzaga, diz que é da quinta série, dá o número da sala e que todos podem procurá-la se quiserem e precisarem de alguma coisa.</p>	09:54/11:04	01:50
<p><b>Bloco 3:</b> Música de fundo: Lecy Brandão refrão: toda criança tem que ser igual perante Deus, criança é pureza e não faz mal, graças a deus/.../ <b>Jornal do Papo: A Semana da Criança vem aí/.../ fiquem ligados pois o Papo de Criança terá muita surpresa/.../</b> continua a música de fundo da Lecy Brandão/.../ toda criança tem que ser igual perante Deus /.../ <b>vai aí as dicas de festas para a Semana da Criança veja a programação: dia 11 vai ter muitas atividades na Praça Tiradentes/.../ vai ter o MUSEU NA RUA uma promoção do Museu da Inconfidência, das 14:00 as 18:00 horas, será na porta do Museu /.../ um grande abraço para os professores do MUSEU ESCOLA/.../vamos todos lá/.../ Na casa da Ópera também vai ter Teatro no dia 12 dia da criança, no dia 14 mais uma festa na barra com oficinas de arte e muito mais... uma promoção do SESC/.../Parabéns a Escola Estadual Barão de Camargo pela exposição na Casa dos Contos/.../parabéns criança/.../e não se esqueçam do aniversário do nosso Programa Papo de Criança...estamos esperando os desenhos para a nossa camisa /.../até sábado/.../beijos /.../continua a música da Lecy Brandão com o mesmo refrão: toda criança tem que ser igual perante Deus /.../</b></p>	11:04/15:14	04:10
		<b>Total 15:14</b>

O quadro de narrativas permite a análise panorâmica do programa emitido identificando sua duração, os atores envolvidos, participantes, a presença da música e a forma de gravação (se gravados em estúdio, ou ao vivo), além de fazer a identificação dos formatos.

A emissão apresentada no quadro 2 teve a duração de 15 minutos e 14 segundos, foram 9 crianças participantes, um locutor da rádio que fez inserções no começo e no fim do programa (uma gravação) e as 2 entrevistadas.

A partir dos quadros de narrativas identificamos sete formatos, não excluídos, classificando os papéis dos atores envolvidos no programa. No caso do programa do quadro 2, o formato é o número um, no qual os apresentadores são 9 crianças, que dividem entre elas a cena discursiva. No estúdio as falas são compartilhadas de modo que todos interagem entre si. E no decorrer do programa passam para o formato três (as crianças dividem a cena discursiva com alunos de outras escolas em diferentes contextos). Esses foram os dois formatos dominantes dos programas analisados. Outro formato muito observado foi aquele de promoção de concursos (formato 6 que apareceu em 19 emissões).

Os assuntos abordados, em sua maioria, tiveram a cidade de Ouro Preto e seu patrimônio cultural como ponto central das discussões. Em apenas 4 programas existe uma abertura que é caracterizada pela voz do locutor<sup>3</sup>, nos demais são as próprias crianças que fazem abertura, em seguida se revezam na apresentação do programa com todas participando da cena discursiva. O programa não tinha uma música exclusiva; como anunciamos antes a música entrava para compor a paisagem sonora, ou mesmo para ser ouvida na íntegra pela audiência. Tivemos um só registro, na Fita 17, de uma música aparentemente composta especialmente para o programa, apresentada em voz e violão pelo compositor.

Os quadros de narrativas nos permitiram localizar a recorrência da palavra museu que apareceu em 19 programas, cujos extratos das narrativas estão no Quadro 3.

---

3 Gravado por um locutor da rádio: "A partir de agora pela Rádio Ouro Preto, Papo de Criança um programa da Secretaria Municipal de Educação, apresentado por crianças da Rede Municipal de Ensino Com vocês: Acrícia, Alexsandro, Francisco, Michele e Priscila".

**Quadro 3: Extrato das narrativas com incidência da palavra Museu (Santos, 2013, p.110)**

FITA - ANO	INDICAÇÃO DOS BLOCOS E NARRATIVA	MARCA DE TEMPO
07 1995	1. Brinquedoteca - Entrevista com Júnia Aleixo, ela participa de projetos de arte em Ouro Preto, na Casa da Baronesa com crianças. Ela quer fazer uma Brinquedoteca que funcione igual a uma biblioteca com empréstimo de brinquedos/.../ esta brinquedoteca faz parte do Centro Lúdico que é um projeto de <b>museu</b> na verdade, onde eu quero apresentar a minha coleção particular de brinquedos, e eu quero mostrar estes brinquedos que eu venho colecionando das minha viagens pelo mundo mas principalmente de minas/.../	14:50/28:45
10 1995	1. Amarantina – Entrevista com Dona Silvia e Dona Evangelina elas falam da criação do <b>Museu das Reduções</b> , do trabalho que desenvolvem, que é sobre o Patrimônio Edificado desde o século XVI até o século XX /.../contam que tem uma escola de artesanato ao lado <b>museu</b> que trabalham com crianças onde elas aprendem o trabalho de fazer as reduções principalmente com a pedra sabão... o nosso recado é que valorizem Ouro Preto isso aqui é maravilhoso e não existe em nenhum lugar do mundo. 3.A Semana da Criança vem aí/.../ veja a programação: dia 11 vai ter muitas atividades na Praça Tiradentes/.../ vai ter o <b>museu na rua</b> , uma promoção do <b>Museu da Inconfidência</b> , das 14:00 as 18:00 horas, será na porta do Museu... um grande abraço para os professores do <b>museu escola</b> /.../ vamos todos lá/.../	00:00/09:54  11:04/15:14
11 1995	3.Notícias - falam de vários acontecimentos nas Escolas, na Cidade e mandam um beijo especial para a Bete Salgado pela festa do <b>Museu Escola</b> na rua no dia 11/.../foi um sucesso/.../	12:40/16:05
12 1995	3.Notícia - Feira Literária - Estará acontecendo dia 23 de outubro no anexo do <b>Museu da Inconfidência</b> uma feira de livros do movimento PRÓ-LER do Estado de MG, temos uma professora do movimento que estará lançando um livro durante a feira é a Cidinha da Escola Estadual Tomás Antônio Gonzaga/.../ entrevista/.../	00:00/12:47
13 1995	3.Lançamento de livro - No programa passado falamos muito sobre literatura, hoje vamos falar com o Gisberto Cardoso que lançou um livro no <b>Museu Casa Guignard</b> , o livro se chama Antologia poética de ouro preto/.../	04:07/14:07
17 1995	4. Notícias do dia – Concurso de desenhos para a camiseta do programa, o desenho escolhido foi o da Bruna de Carvalho Mapa /.../ pede que Bruna passe no <b>Museu Casa Guignard</b> para receber seus prêmios.	25:40/ 29:15
18 1995	3. /.../Chama a atenção de Bruna de Carvalho Mapa, a ganhadora do concurso das camisetas para buscar seus prêmios no <b>Museu Casa Guignard</b> . Dá os parabéns à Secretaria Municipal de Educação pela primeira edição do jornal /.../	11:27/ 14:40

21 1995	<p><b>3.</b> Notícias do dia –Anuncia o início do <b>Projeto Museu Escola</b> e dá informações sobre o projeto e de como se inscreverem. Também fala sobre a Oficina de Comunicação do <b>Museu Casa Guignard</b>, dando informações de como e onde as crianças podem se inscrever.</p> <p>Parabenizam os alunos do programa Jovens de Ouro que receberam seu primeiro pagamento e dá um recado da Prefeitura a todos os alunos selecionados a comparecerem no <b>Museu da Inconfidência</b>, na terça-feira às 13:30h/.../</p>	29:02/ 35:05
22 1995	<p><b>3./.../</b>foi depois chamada para o <b>Museu Escola</b>, onde as crianças conhecem, através da brincadeira e da criação, a história de Ouro Preto/.../Ouro Preto por ser uma cidade histórica conta com muitos <b>museus</b>, inclusive o <b>Ludo museu</b>, que é muito legal para a cidade. O projeto então seria <b>um museu de brinquedos</b>, pois ela coleciona brinquedos de vários lugares do Brasil e do mundo, e ela pretende deixar expostos às pessoas os brinquedos desenvolvidos pelas pessoas/.../ Então <b>o museu</b> tem como propósito mostrar às pessoas a história da humanidade através dos brinquedos.</p>	29:17/ 48:53
23 1995	<p><b>1.</b> Dá bom dia às crianças, e pergunta se as mesmas estão seguindo a sugestão do programa e estão visitando os <b>museus</b> da cidade/.../</p>	00:00/ 13:11
24 1996	<p><b>3.</b> Notícia do dia - Uma das crianças noticia às crianças que fazem parte da equipe que haverão as reuniões do Programa Papo de Criança às terças-feiras no <b>Museu Casa Guignard</b>. Outra criança cita o nome de todos os participantes do projeto e reforça o dia da reunião, para que não falem/.../</p>	00:00/ 14:38
26 1996	<p><b>1.</b>Aniversário de 100 anos de Guignard. Entrevista com Marcone, escritor que fez a biografia de Guignard. Recitam o poema: O que é que Ouro Preto Tem... de Cecília Meireles/.../ fala sobre a vida de Guignard em Ouro Preto... para ele Ouro Preto era sua cidade natal, e veio a falecer em 26 de julho de 1962. O locutor então parabeniza Marcone pela biografia e fala sobre o <b>Museu Casa Guignard</b>, que na Rua Direita, fala de sua programação e conta que é no <b>Museu</b> que acontece a oficina de comunicação do Papo de Criança/.../</p> <p><b>2.</b> Fernanda diz que na cidade vão haver comemorações para homenagear os 100 anos de Guignard, e apresenta mais um entrevistado Gêlcio Fortes, artista plástico, coordenador do <b>Museu Casa Guignard</b> e diretor do programa Papo de Criança que vai falar um pouco sobre a programação para a comemoração dos 100 anos de Guignard/.../</p> <p>Fala do projeto do <b>Museu</b> em parceria com a Prefeitura e Secretaria de Educação para que as crianças de hoje também conheçam as obras de Guignard. Fala que a visita no <b>Museu</b>, é gratuita, dá orientações de como chegar e sobre o procedimento lá no <b>Museu</b>. Reforça que só há esse <b>museu</b> sobre a vida de Guignard, dizendo que o <b>museu</b> é também um centro de pesquisas sobre o artista. Convidam a todos para irem ao <b>Museu</b> para conhecerem mais da vida de Guignard/.../</p>	00:00/ 06:15  06:15/ 16:03

28	1996	1. Pede a Leandro (participante do programa) que compareça na terça-feira no <b>Museu Casa Guignard</b> ou ele será substituído/...	00:00/ 03:43
30	1996	3.Notícias - Avisa que o <b>Ludo-museu</b> já está ativo, mas somente com visitas orientadas e convida as crianças a montarem um grupo e passa os contatos para visitarem o <b>Museu da Inconfidência</b> . 3a.Concurso - anuncia o concurso sobre Guignard, que completa seu centenário, lançado pelo <b>Museu Casa Guignard</b> e a Secretaria Municipal de Educação, dizendo que o programa acompanhará o concurso/.../	15:61/ 22:47
32	1996	2.Entrevista com Elizabete Salgado - o mês de Abril é composto de várias datas importantes para a história do país. /.../ dia 19 comemoramos o dia do índio, dia 21 é dedicado ao nosso grande herói Tiradentes e tem mais, dia 22 é o dia do descobrimento do Brasil /.../ Bete é professora da FAOP, coordenadora do <b>Museu Escola</b> , do <b>Museu da Inconfidência</b> e possui mestrado sobre a História política do Brasil. O locutor convida a todos os ouvintes a chamar seus pais para escutar a conversa que tiveram com Bete.	03:34/ 17:50
33	1996	3. continuação da entrevista com Bete Salgado - para aproveitar uma dica, vá dar uma volta no <b>Museu da Inconfidência</b> /.../ Bete começa a contar a história dos inconfidentes/.../ e que o <b>Museu da Inconfidência</b> tem documentos, e que quem tiver interesse pode ir ao <b>museu</b> consultar a história/.../	08:07/21:50
35	1996	3. notícias - fala de todos os eventos que estão acontecendo... e convidam as crianças que quiserem a irem ao <b>Museu Casa Guignard</b> para participar da oficina de comunicação que acontece todas as terças de 08:00 as 10:00, façam sua inscrição/.../	09:17/15:25
37	1996	3. Notícias - Atenção crianças e professores durante o mês de Junho estará acontecendo na Casa Dos Contos a exposição Memória da Escravidão, feita pela artista plástico Chiquitão...e convidam todos para ir ver... convidam todos para assistir o filme a Bela e Fera as 15:00 hs no anexo do <b>Museu da Inconfidência</b> /.../ entrada franca/.../	08:29/12:47
39	1996	3- Notícias - O mês de junho o céu fica tão bonito... e as festas Juninas enfeitam a cidade...aqui em Ouro Preto morou um dos pintores mais importantes do Brasil... ele adorava pintar as festas de São João, você sabe quem é? Claro, Guignard... nos fazemos oficina lá no <b>Museu Casa Guignard</b> ...e agora no segundo semestre todas as terças feiras de 01:30 às 04:00 fazer a sua inscrição aqui no <b>Museu Casa Guignard</b> venha perder a timidez /.../as oficinas são ótimas para perder este bicho chamado timidez /.../	12:66/15:06

Na maioria das vezes a palavra museu apareceu para representar o Museu Casa Guignard, sendo a maior ocorrência no bloco 3, no Jornal do Papo, como nas fitas 39 de 1996 ou 13 de 1995. Outros museus foram nomeados e indicados como lugares para se realizar atividades educativas, para aprender e se divertir, foram associados à cidade de Ouro Preto, tendo o Museu da Inconfidência como um grande protagonista sempre ligado ao Projeto Museu Escola (fitas 32 de 1996 e 24 de 1995), um projeto de Educação Patrimonial importante no contexto da cidade de Ouro Preto naquele período. Podemos igualmente acompanhar o movimento de criação do Ludo-Museu (fitas 7 e 22 de 1995). A palavra museu associada às discussões conceituais não esteve presente, contudo a ideia de museu como local de encontro, formação e discussão sobre patrimônio material e imaterial fica implícita. Foram discutidos aspectos entorno dos acervos e das ações educativas promovidas pelos museus da cidade (Ludo-Museu, Museu da Inconfidência e Museu das Reduções). Há um grande número de convidados como artistas, professores e educadores de museus e uma interlocução com a audiência por meio do envio de mensagens, convites e concursos. Podemos ver que além do aspecto informativo contido no Jornal do Papo há características de programa de auditório, com entrevistas e concursos, ainda que a emissão fosse gravada.

### **E o papo continua?**

Canclini, ao investigar o papel dos museus nacionais diante das crises nacionalistas latino-americanas nos adverte que, durante muito tempo, os museus foram vistos como espaços fúnebres em que a cultura tradicional se conservaria solene e tediosa. Concluindo seu texto que mostra o museu enquanto meio de comunicação de massa, o autor nos informa que os museus estadunidenses, em 1962 chegavam a 50 milhões de visitantes e superaram em 1980 a população total desse país. Na França, os museus recebem mais de 20 milhões de pessoas por ano; só o Centro George Pompidou supera os 8 milhões (Canclini, 1998, p.169). A estatística brasileira com relação à visitação dos museus brasileiros evidencia um crescimento nos últimos anos, mas conquistar o público e torná-lo um frequentador de museus ainda é um dos desafios das nossas instituições. As mudanças pelas quais passaram os museus contemporâneos, em sua concepção, inserção nos espaços culturais das cidades, criação de novos formatos como: eco museu, comunitários, território e várias inovações cênicas e comunicacionais (ambientações, iluminação, cenografias com tecnologias digitais, etc) impedem de falar destas instituições como simples depósitos do passado. Contudo nossa revisão bibliográfica conclui que as discussões sobre comunicação em museus ainda são raras e abrangem poucas instituições.

Os procedimentos comunicativos utilizados por cada instituição museal têm por princípio propiciar a seus públicos os mais diversos sentidos, estimulando-os o exercício cidadão de pertencimento e compartilhamento de valores culturais como a liberdade de acesso e democratização da memória.

O programa Papo de Criança tocou em suas emissões em vários pontos de tais valores. Ao privilegiar um público infanto-juvenil, abriu possibilidades de novas linguagens e abordagens sobre as coleções, como no caso do Ludo-museu e do Museu das Reduções; das profissões ligadas ao patrimônio como o conservador, o educador de museu, o guia turístico entre outros e a inserção da

comunidade nas ações dos museus ao constante convite para participação em eventos e a difusão das programações dos museus. A participação de um grupo relativamente grande (9 crianças) igualmente toca a questão de inserção social trazendo muitas vozes para a cena discursiva. Não é nosso objetivo aqui discutir tais vozes, mas elas representaram a inclusão de olhares que para a época, estavam silenciados na interação do Museu Casa Guignard e seu público. As características levantadas no Programa Papo de Criança são datadas e contextualizadas em um momento de inserção do Museu Casa Guignard no cenário cultural da cidade de Ouro Preto, uma cidade monumento. O caráter de educação e comunicação museal nesse programa pode ser considerado um elemento decisivo para a boa interlocução que se estabeleceu posteriormente entre os diferentes setores culturais e econômicos da cidade e a pequena equipe do Museu. Dessa forma consideramos essa ação exemplar e inovadora tendo seu registro um papel relevante para a própria história desse museu (Santos, 2013).

### Rerefências

ALMEIDA, Adriana M. Comunicação Museológica: A importância dos estudos sobre os receptores/visitantes. In: Anais do Seminário de Capacitação Museológica. Belo Horizonte, Instituto Flávio Gutierrez, 2004 a, p327-338.

\_\_\_\_\_. Os visitantes do museu Paulista: um estudo comparativo com os visitantes da Pinacoteca do Estado e do Museu de Zoologia. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v.12, p. 269-306 – jan/dez, 2004 b.

\_\_\_\_\_. A relação do público com o Museu do Instituto Butantan: análise da exposição `Na natureza não existem vilões`. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicação e Artes. USP. 1995.

ARAÚJO, Marcelo. M.; BRUNO, Maria Cristina O. (orgs.). *A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos*. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

BOSSLER, Ana Paula. *Indicadores do gênero educativo no programa de rádio Ciência na Favela*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

BERTELLI, Mariana de Q. *Identidades, imagens e papéis museais nos discursos institucionais sobre a relação museu-escola*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

BRASIL. MINC/IPHAN/DEMU. Departamento de Museus. Política Nacional de Museus: Memória e cidadania. Ministério da Cultura. IPHAN, Brasília, 2003.

BRASIL. MINC/IBRAM. Museus em Números. Instituto Brasileiro de Museus, 2011. v. I. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/category/publicacoes-e-documentos/>. Acesso: março de 2013.

BRASIL. MINC/IPHAN/DEMU. Departamento de Museus. Política Nacional de Museus. Relatório de gestão 2003-2006. 2006. <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=679>. Acesso: junho 2014.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.

COSTA, Carina M. Territórios em disputa: mapeamento da produção acadêmica sobre educação em museus no Brasil. In: Marieta de Moraes Ferreira. (Org.). *Memória e identidade nacional*. Ied. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, v. único, p. 101-122.

CURY, Marília Xavier. *A comunicação Museológica: Uma perspectiva teórica e metodológica de recepção*. Tese de Doutorado, Escola de Comunicações e Artes/ USP- 2005.

\_\_\_\_\_. *Exposição: análise metodológica do processo de concepção, montagem e avaliação*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicação e Artes. USP. 1999.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina M. Ondas do pensamento museológico brasileiro. Cadernos de sociomuseologia. Lisboa. ULHT. 2003. DUTRA, Soraia Freitas. *A educação na fronteira entre museus e escolas : um estudo sobre as visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2012.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. *O Processo de Comunicação em Museus*. Cadernos museológicos, Rio de Janeiro, n. 1, 1989.

\_\_\_\_\_. *Vinte anos depois de Santiago: A declaração de caracas-2002*. In. *A memória do pensamento museológico contemporâneo- documentos e depoimentos*. São Paulo: Comitê Nacional Brasileiro do ICOM, 1995.p.32-35.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Iphan; Rio de Janeiro: Museu Imperial, 1999.

MINAS GERAIS. SECMG- SUMAV. SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DE MINAS GERAIS. SUPERINTENDÊNCIA DE MUSEUS E ARTES VISUAIS-. Relatório Museu Casa Guignard. Mineo. 1994.

MINAS GERAIS. SECMG- SUMAV. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS. Superintendência de Museus; [online] Disponível na internet via <http://www.cultura.mg.gov.br/museus>. 2006. Arquivos capturados em março de 2009.

NASCIMENTO, Sylvania S do. A divulgação das ciências e as instituições patrimoniais. In: *Divulgação Científica e Práticas Educativas*. (Org) PINTO, Gisinaldo Amorim. Curitiba, Editora CRV, 2010, p.133-145.

NASCIMENTO, Sylvania Sousa do; VENTURA, P. C. S. Mutações na construção dos Museus de Ciências. In: *Revista Pro-Posições*, vol 12, n1 (34): Faculdade de Educação –Unicamp, Campinas, 2001, p.126-138.

NASCIMENTO, Sylvania S. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In: VIDAL, Diana G & FIGUEIREDO, Betânia G. *Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna*. Belo Horizonte, MG: Argumentvm; Brasília, DF: CNPq, 2005, p.221-239.

SANTOS, Greciene Lopes dos. *Ação educativa museal: marcas institucionais e registros documentais*. 2008. 111 p. Dissertação (mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SANTOS, Greciene Lopes dos. *Papo de criança: o rádio na comunicação museal*. 2013. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2013.

SEIBEL-MACHADO, M. I. *O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987 a 2006) e a experiência do museu da vida*. 250 p. Tese (doutorado em Ciências) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. Tradução de FONTERRADA, Marisa Trench. 2º . Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SILVA, Cristina Maria de Souza e. *Pesquisa de público em museus e instituições abertas à visitação*: fundamentos e metodologia. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1989.

TORAL, H. C. Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus, Rio de Janeiro - 1958. In: ARAÚJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. (orgs.). *A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos*. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995, p. 8-10.

VALENTE, Maria Esther. A conquista do caráter público do museu. In: Gouvêa, G.; Marandino, M.; Leal, C. (Ed.). *Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência*. Rio de Janeiro: Access, 2003, p.21-46.

\_\_\_\_\_. *Educação em Museu: o público de hoje no museu de ontem*. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1995.

VIEIRA, Rodrigo D e NASCIMENTO, Sylvania S do. *Argumentação no Ensino de Ciências: Tendências, Práticas e Metodologia de Análise*. Curitiba: Appis. 2013.

Artigo recebido em maio de 2014. Aprovado em agosto de 2014